

Em torno da cidade criativa

Nancy Duxbury, Carlos Fortuna, José António Bandeirinha e Paulo Peixoto



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/rccs/5089>

ISSN: 2182-7435

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2012

Paginação: 05-08

ISSN: 0254-1106

Referência eletrónica

Nancy Duxbury, Carlos Fortuna, José António Bandeirinha e Paulo Peixoto, « Em torno da cidade criativa », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 99 | 2012, colocado online no dia 04 setembro 2013, criado a 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/5089>



Em torno da cidade criativa

A mudança do milénio trouxe consigo a importância crescente das indústrias ancoradas na cultura e na criatividade. Este facto alimentou um desejo internacional – que, na verdade, é recorrentemente encarado como um imperativo incontornável – que motiva as áreas urbanas a quererem tornar-se “cidades criativas”. A própria UNESCO fomentou este fenómeno ao criar a Rede das Cidades Criativas. Nas cidades criativas, conceito que emergiu e se consolidou a partir dos anos 1980, as atividades culturais e as indústrias criativas e culturais desempenham um papel crucial no fomento da “criatividade urbana” e contribuem para a emergência de mercados internacionais da nova economia criativa. À medida que a cultura e a criatividade vão sendo amplamente reconhecidas enquanto recursos-chave do desenvolvimento e da prosperidade urbana, a noção de “cidades criativas” vai invadindo as agendas locais e vai-se afirmando como um desiderato de grande parte das estratégias de desenvolvimento urbano e regional. Os processos de desindustrialização, as urgências de reestruturação e de revitalização económica e os desejos que movem políticas de requalificação insinuantes e mediáticas, sujeitas a evidentes efeitos de escalada, dão forma ao contexto em que a noção de “cidades criativas” se vai impondo.

Na sua versão inicial, em que aparecia muito associado a novas formas de marketing urbano, o espectro da cidade criativa assemelhava-se recorrentemente a “cópias de papel químico” transplantadas de cidade para cidade, considerando de forma muito limitada as especificidades culturais locais e as dimensões não económicas do desenvolvimento. Nas políticas urbanas e nos planos estratégicos, alimentados pela retórica da nova economia e da economia do conhecimento, a abordagem centrada nas cidades criativas tende a focar-se nos mercados internacionais e nos fluxos globais – aprisionando neste deslumbramento tudo o que vai do “talento” móvel ao investimento em capital, de modo a fazer circular internacionalmente performances e espetáculos de artes visuais destinados a turistas e visitantes com recursos financeiros e que possam ser atraídos para um determinado local. Nessa medida, o foco local de visibilização e de valorização da atividade cultural local passa a estar centrado nestas dinâmicas e nestes circuitos.

Através de investimentos cada vez mais significativos em infraestruturas culturais que se constituem enquanto etiquetas de um design arquitetural,

também por via de uma arte pública de grande pendor icônico, ou por intermédio de megaeventos, as economias culturais e as oportunidades e trajetórias de desenvolvimento parecem estar cada vez mais imbricadas. Neste contexto, trajetórias e percursos alternativos de desenvolvimento tendem a ser desvalorizados, exceto nos casos em que podem ser indicados como contrarreações à hegemonia deste rolo compressor. Porém, uma desigualdade de impactos começa a tornar-se evidente nesta forma “socialmente regressiva” de cidade criativa. Apelos a estratégias mais multidimensionais, mais nuanciadas, mais participativas, que sejam sensíveis às culturas e às diferenças locais e que prestem maior atenção à redistribuição de proveitos, são exigências em crescendo.

O ponto de partida deste número especial da RCCS é a tendência política predominante, ainda que fortemente criticada, ou ridicularizada enquanto fenómeno de moda, para que as cidades participem na corrida internacional das identidades que vão estando na moda e para que se envolvam no jogo da competitividade económica através de investimentos em projetos emblemáticos de arquitetura e da construção de lugares que visam atrair talentos criativos móveis. Contribuindo para uma assinalável renovação urbana e para estratégias de revitalização económica em várias cidades, essas abordagens tendem, igualmente, a negligenciar questões de equidade e de inclusão social, originando ruturas de comunidades criativas/artísticas existentes e favorecendo os maiores e os mais apelativos produtos culturais que circulam globalmente (exposições, performances, artistas), ao mesmo tempo que se sustentam ideologicamente em abordagens preocupadas com as culturas locais e os patrimónios ‘autênticos’. Não esquecendo que aquilo que seria uma resposta à crise, e um vetor de relançamento, acaba por estar na origem de iniciativas e de equipamentos sobredimensionados que podem agravar ainda mais, a médio e longo prazo, a já difícil situação de muitos locais.

Ainda que essa perspetiva de uma tendência para a mimetização continue a ser palpável, e que os modelos de circulação global ditem as suas leis, ela deixou de ser encarada como o único caminho possível para a renovação urbana criativa e para o desenvolvimento económico, sendo evidente a necessidade de propor e de analisar abordagens alternativas que sejam mais sensíveis às realidades e questões locais ambiental, social e economicamente sustentáveis; e atentas às questões da inclusão, da justiça e das realidades multiculturais. Os brilhantes holofotes políticos e mediáticos dos investimentos e das iniciativas das ‘cidades criativas’ – assim como a atenção conferida pelas agendas de investigação a esses desenvolvimentos – levaram a que outras opções culturais ficassem nas sombras. É tempo de explorar esses espaços alternativos, as ideias, as estratégias e as forças socioculturais em jogo e que podem conduzir-nos à elaboração de padrões alternativos de desenvolvimento criativo. Malcolm Miles, que questiona neste

número a emergência de uma cidade pós-criativa, e que é acompanhado nessa reflexão por outros autores que aqui escrevem, identifica as bases que podem fomentar uma discussão capaz de fazer evoluir as noções e ações vigentes de “cidade criativa”.

Assim, este número especial da RCCS procura reunir perspectivas criativas e interdisciplinares da socioantropologia, das artes e dos estudos culturais, da arquitetura, da política cultural e de outras disciplinas, examinando, a organização, os usos e imagens do espaço urbano em diferentes contextos geográficos, demográficos e urbanos. Esta diversidade de abordagens revela a necessidade de explorar vários modelos de desenvolvimento de cidades criativas, retirando o conceito e as dinâmicas que ele coloca em jogo das lógicas excessivamente instrumentais que os acompanham.

Nancy Duxbury

Carlos Fortuna

José António Bandeirinha

Paulo Peixoto

